



A expressão linguística do aspecto *perfect* associado ao presente em demências progressivas

The linguistic expression of the perfect aspect associated with the present in progressive dementia

Jean Carlos da Silva GOMES*

Adriana Leitão MARTINS**

Fernanda de Carvalho RODRIGUES***

RESUMO: Neste trabalho, investigou-se a representação sintática do aspecto *perfect*, avaliando a pertinência dos sintagmas relacionados a esse aspecto – *perfect* de situação persistente ou universal (UPerfP), *perfect* resultativo (ResPerfP), *perfect* de passado recente (RecPerfP) e *perfect* experiencial (ExPerfP) – e propostas de hierarquia estabelecida entre eles verificadas na literatura. Para tanto, empreendeu-se um estudo sobre uma possível perda linguística desse aspecto em sujeitos diagnosticados com a Doença de Alzheimer (DA) e com aqueles diagnosticados com Afasia Progressiva Primária Logopênica (APPL). Foram selecionados dois pacientes diagnosticados com DA e um paciente diagnosticado com APPL. A fim de avaliar as realizações linguísticas do aspecto *perfect* na produção dos sujeitos, foram coletados dados de suas produções semiespontâneas, e, a fim de verificar o grau de comprometimento cognitivo dos sujeitos, foi aplicado o teste de rastreio cognitivo Mini-Exame do Estado Mental (MEEM). Observou-se que o paciente com APPL e um paciente com DA apresentaram um déficit linguístico que incidia apenas sobre o *perfect* de passado recente, tendo o segundo obtido um desempenho superior ao do primeiro no MEEM, enquanto o outro paciente com DA apresentou um déficit que atingia também outros tipos de *perfect*, tendo obtido um desempenho inferior ao dos outros dois pacientes no MEEM. Discutiu-se que os dados obtidos neste trabalho corroboram a proposta de Gomes, Martins e Rodrigues (2021), em que a hierarquia estabelecida entre os sintagmas de *perfect* na representação sintática é a seguinte: RecPerfP > ExPerfP > UPerfP > ResPerfP.

PALAVRAS-CHAVE: Aspecto *perfect*. Doença de Alzheimer. Afasia Progressiva Primária Logopênica. Tempo e aspecto. Neurolinguística.

* Doutorando em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro / Universidade da Força Aérea. gomes.jean@letras.ufrj.br.

** Doutora em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro. adrianaleitao@letras.ufrj.br.

*** Doutora em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro. fernandacr@medicina.br.

ABSTRACT: In this work, the syntactic representation of the perfect aspect was investigated, evaluating the pertinence of the phrases related to this aspect – perfect of persistent situation or universal perfect (UPerfP), perfect of result (ResPerfP), perfect of recent past (RecPerfP) and experiential perfect (ExPerfP) – and the hierarchy established among them described in the literature. Therefore, a study was undertaken on a possible linguistic impairment of this aspect in subjects diagnosed with Alzheimer's Disease (AD) and in those diagnosed with Logopenic Primary Progressive Aphasia (LPPA). Two patients diagnosed with AD and one patient diagnosed with LPPA were selected. In order to evaluate the linguistic realizations of the perfect aspect in the subjects' production, data were collected from their semi-spontaneous speech productions, and, in order to verify the subjects' degree of cognitive impairment, the Mini-Mental State Examination cognitive screening test (MMSE) was applied. It was observed that the patient with LPPA and one patient with AD presented a linguistic deficit only on the perfect of recent past, having the second patient a better performance than the first one in the MMSE, while the other patient with AD presented a deficit that also affected other types of perfect, having underperformed the two other patients in the MMSE. It was argued that the data obtained in this study corroborate the proposal of Gomes, Martins e Rodrigues (2021) in which the hierarchy established between the perfect phrases in the syntactic representation is as follows: RecPerfP> ExPerfP> UPerfP> ResPerfP.

KEYWORDS: Perfect aspect. Alzheimer's Disease. Logopenic Primary Progressive Aphasia. Tense and aspect. Neurolinguistics.

Artigo recebido em: 01.08.2023

Artigo aprovado em: 13.12.2023

1 Introdução

Este trabalho está ancorado no referencial teórico do gerativismo, modelo de estudos linguísticos que postula que a linguagem é representada na mente humana em um módulo mental específico, tal como as demais cognições. Dessa maneira, considera-se que cada indivíduo possui uma gramática mental, onde se encontram conhecimentos linguísticos de diferentes naturezas, sendo um deles o sintático.

Neste estudo, investigamos o conhecimento referente à categoria sintática de aspecto, que, segundo Comrie (1976), refere-se às diferentes maneiras de se visualizar a composição temporal interna de uma situação. O aspecto *perfect*¹, foco deste trabalho,

¹ Optou-se por utilizar o termo em inglês, tendo em vista que sua tradução ao português, “perfeito”, é comumente utilizada nas gramáticas deste idioma para fazer referência a morfologias que expressam o valor aspectual de perfectivo, aspecto diferente do nomeado neste estudo como “*perfect*”. Tal nomenclatura é amplamente adotada na investigação do sistema temporo-aspectual na língua portuguesa, como observado em Azevedo (2014), Jesus *et al.* (2017), Nespoli (2018) e Rebouças (2021).

como postula Pancheva (2003), refere-se a um intervalo de tempo que relaciona o momento do evento ao momento de referência, sendo o primeiro anterior ao segundo.

Diversas classificações para o *perfect* foram descritas na literatura. Aqui, levamos em consideração duas delas: a de Comrie (1976), que considera a existência de quatro tipos, sendo eles *perfect* de situação persistente, *perfect* resultativo, *perfect* experiencial e *perfect* de passado recente; e a de McCawley (1981), que considera apenas dois tipos, sendo eles *perfect* universal e *perfect* existencial.

Com base nessas classificações, foram formuladas algumas propostas de representação sintática do *perfect*. Autores como Alexiadou, Rathert e Von Stechow (2003) e Iatridou, Anagnostopoulou e Izvorski (2003) afirmam que há apenas um sintagma referente ao aspecto *perfect* na árvore sintática, o PerfP. Por outro lado, Nespoli e Martins (2018) e Nespoli (2018) defendem que há, na camada flexional, dois sintagmas referentes ao *perfect*, sendo um para o tipo universal, o UPerfP, e outro para o tipo existencial, o EPerfP. Rodrigues e Martins (2019) argumentam ainda que, além desses, há também um sintagma referente ao tipo experiencial, o ExPerfP. Por fim, Gomes, Martins e Rodrigues (2021) postulam também a existência de um sintagma referente ao tipo passado recente, o RecPerfP.

Dessa forma, o objetivo geral deste trabalho é investigar a representação sintática do aspecto *perfect*. Para tanto, buscamos verificar uma possível perda desse conhecimento linguístico em pacientes diagnosticados com Doença de Alzheimer e naqueles diagnosticados com Afasia Progressiva Primária Logopênica por meio de dados de produção semiespontânea. Acreditamos que a análise de dados provenientes da expressão linguística desses sujeitos possa fornecer evidências para o entendimento acerca da estruturação do conhecimento linguístico de *perfect* na mente humana.

Mais especificamente, debruçamo-nos sobre a variante clássica da Doença de Alzheimer, em que o déficit inicial incide sobre a memória declarativa, afetando posteriormente a linguagem, e sobre a Afasia Progressiva Primária Logopênica, patologia em que o déficit inicial é primordialmente linguístico. Ao longo deste artigo,

utilizamos a sigla DA em referência à variante clássica da Doença de Alzheimer e a sigla APPL em referência à Afasia Progressiva Primária Logopênica.

Este artigo está organizado da seguinte maneira: na segunda seção, discorremos sobre o aspecto *perfect*; na terceira, dissertamos sobre o déficit linguístico na DA e na APPL; na quarta, expomos a metodologia adotada nesta pesquisa; na quinta, descrevemos os resultados obtidos; na sexta, discutimos os dados; e, por fim, na última seção, apresentamos as considerações finais deste estudo.

2 O aspecto *perfect*

Um dos valores aspectuais depreendidos de uma sentença é aquele expresso por meio de elementos gramaticais que a compõem, como, por exemplo, a morfologia verbal e certos advérbios / expressões adverbiais (Comrie, 1976; Cinque, 1999), conceito nomeado como aspecto gramatical². O *perfect*, segundo Pancheva (2003), é um aspecto gramatical que se refere a um intervalo de tempo que inclui o momento do evento e se estende até o momento de referência, podendo este coincidir com o futuro, o passado ou o presente, sendo a combinação com este tempo a que nos interessa neste trabalho. Desse modo, em todos os exemplos e definições apresentados neste artigo em que há veiculação de *perfect*, na situação retratada, há o estabelecimento de uma relação entre o passado e o presente.

Quando associado ao presente, o intervalo de tempo de *perfect* é realizado linguisticamente na expressão de uma situação que se iniciou ou ocorreu no passado e persiste ou apresenta relevância no presente (Iatridou; Anagnostopoulou; Izvorski, 2003). Comrie (1976), a partir de dados do inglês, ilustra a diferença entre uma sentença em que há veiculação do *perfect* e outra em que não há, como apresentado,

² O aspecto semântico, valor aspectual depreendido na sentença por meio do significado dos itens que a compõem, não é focalizado neste artigo, ainda que se admita que ele possa interagir com o aspecto gramatical *perfect* na interpretação aspectual da sentença.

respectivamente, nos exemplos extraídos de Comrie (1976, p. 2) disponíveis em (1) e em (2).

- (1) I have lost my penknife.
‘Eu perdi meu canivete.’
(2) I lost my penknife.
‘Eu perdi meu canivete.’

Na sentença em (1), o estado consequente do evento de perder o canivete estende-se até o presente, sendo uma das interpretações possíveis da sentença a de que o canivete continua perdido nesse ponto do tempo, de modo que nela o *perfect* é veiculado. Na sentença em (2), por outro lado, o evento é visto apenas como um ponto finalizado no passado, logo, nesta, não se veicula o *perfect*.

Dentre as propostas de classificação desse aspecto existentes na literatura, revisamos aqui duas delas. A primeira, elaborada por Comrie (1976) e adotada em estudos como os de Dahl (1985) e Gomes, Martins e Rodrigues (2021), prevê a existência de quatro tipos, a saber: *perfect* de situação persistente, *perfect* resultativo, *perfect* experiencial e *perfect* de passado recente.

O *perfect* de situação persistente refere-se a uma situação que se inicia no passado e persiste no presente, como verificado em (3); o *perfect* resultativo refere-se a um estado presente como resultante de uma ação passada, como ilustrado em (4); o *perfect* experiencial refere-se a uma situação que ocorreu pelo menos uma vez no passado e é relatada como uma experiência passada relevante no presente, como se pode ver em (5); e o *perfect* de passado recente refere-se à concepção de uma situação passada como muito próxima do tempo presente, como exemplificado em (6).

- (3) Mary has danced ballet since 2005.
‘Maria tem dançado balé desde 2005.’
(4) I have had a bath.
‘Eu tomei banho.’
(5) John has been to Mexico.

- 'João já esteve no México.'
(6) Mary has just arrived.
'Maria acabou de chegar'.

A segunda proposta de classificação do *perfect* que buscamos descrever aqui, elaborada por McCawley (1981) e adotada em estudos como os de Iatridou, Anagnostopoulou e Izvorski (2003) e Nespoli (2018), prevê a existência de dois tipos, a saber: *perfect* universal e *perfect* existencial.

O *perfect* universal refere-se a uma situação que se iniciou no passado e persiste até o presente, como verificado no exemplo em (7), extraído de Iatridou, Anagnostopoulou e Izvorski (2003, p. 155), ao passo que o *perfect* existencial refere-se a uma situação que começou e terminou no passado e possui relevância no presente, como ilustrado em (8), extraído de Iatridou, Anagnostopoulou e Izvorski (2003, p. 156).

- (7) I have been sick since 1990.
'Eu estou doente desde 1990.'
(8) I have lost my glasses.
'Eu perdi meus óculos.'

Se buscarmos estabelecer uma comparação entre as duas propostas de classificação do *perfect* apresentadas, podemos verificar que o *perfect* de situação persistente corresponde ao *perfect* universal, uma vez que ambos indicam a persistência da situação iniciada no passado no tempo presente; ao passo que os tipos resultativo, experiencial e passado recente correspondem ao *perfect* existencial, uma vez que se referem a situações finalizadas no passado, apresentando apenas uma relevância no tempo presente. Tal relação é adotada neste trabalho³.

³ A associação adotada aqui não é consensual na literatura. Alguns autores como Mittwoch (1988) destacam que o *perfect* de situação persistente inclui apenas e necessariamente o momento de referência no presente, enquanto outros autores, como Pancheva (2003), Iatridou, Anagnostopoulou e Izvorski (2003) e Molsing (2007), destacam que o *perfect* universal caracteriza-se também pela inclusão do momento da fala no intervalo de tempo. No que diz respeito ao *perfect* existencial, alguns autores, como

2.1 As realizações linguísticas do aspecto *perfect* no português

O aspecto *perfect* pode ser realizado de diferentes maneiras nas línguas. Autores como Molsing (2007), Azevedo (2014), Novaes e Nespoli (2014), Jesus *et al.* (2017), Nespoli e Martins (2018), Nespoli (2018) e Gomes e Semêdo (2019) buscaram apresentar um panorama de morfologias verbais, advérbios e expressões adverbiais que estão a serviço da veiculação dessa noção aspectual no português brasileiro (PB), como se expõe ao longo desta seção.

De acordo com esses autores, o *perfect* universal associado ao presente pode ser realizado no PB por meio de três formas, a saber: passado composto, formado pelo verbo “ter” conjugado no presente + particípio do verbo principal, como no exemplo em (9); perífrases progressivas, formadas por um verbo auxiliar conjugado no presente simples + gerúndio do verbo principal, como ilustrado em (10); e presente simples, como se pode ver em (11). O advérbio em itálico nos exemplos a seguir contribui para a leitura de continuidade da situação no presente.

(9) *Ultimamente*, João **tem pintado** quadros.

(10) *Ultimamente*, João **está/vem/segue/continua/anda pintando** quadros.

(11) *Ultimamente*, João **pinta** quadros.

A morfologia de passado composto no PB veicula necessariamente o valor de *perfect* universal. As demais morfologias mencionadas no parágrafo anterior, perífrases progressivas e presente simples, por outro lado, dependem da interação com advérbios e/ou expressões adverbiais – como “ultimamente” nos exemplos acima – presentes na sentença para veiculação desse aspecto, tendo em vista que tais formas verbais podem expressar também outras informações aspectuais.

Algeo (1976) e Nespoli (2018), afirmam que esse inclui apenas as noções de resultatividade e experiência, de modo que o passado recente não deva ser considerado um tipo de *perfect*.

O *perfect* existencial associado ao presente, por sua vez, pode ser expresso no PB por meio de três outras formas, a saber: pretérito perfeito acompanhado de uma informação adicional que contribua para a leitura de relevância da situação no presente, como advérbios, por exemplo em (12); a presença de outra sentença, como em (13); inferência no contexto, como em (14); locução formada por “acabar” conjugado no pretérito perfeito + “de” + infinitivo do verbo principal, como ilustrado em (15); e verbo “estar” conjugado no presente + predicativo do sujeito⁴, como em (16). As palavras ou os trechos em itálico nos exemplos a seguir contribuem para a leitura de relevância da situação no presente.

(12) João *já saiu* de casa.

(13) *A casa está arrumada* porque João **arrumou** a casa.

(14) João **perdeu** a chave (*e ela continua perdida*).

(15) João **acabou de perder** a chave.

(16) Você **tá com o cabelo bem cortado**.

Como ilustrado pelos exemplos de (9) a (12), para além das formas verbais, outros elementos gramaticais atuam na codificação linguística de *perfect* universal ou existencial na sentença, como advérbios e expressões adverbiais (Giorge; Pianesi, 1997; Iatridou; Anagnostopoulou; Izvorski, 2003; Pancheva, 2003). Um dos estudos mais recentes e completos sobre a contribuição desses elementos na realização do *perfect* no PB é o de Nespoli (2018). De acordo com essa autora, “sempre / nunca / ainda / até x tempo (no presente) / desde x tempo / há x tempo / faz x tempo / ultimamente” contribuem para a veiculação do *perfect* universal, ao passo que “já / nunca / ainda não” contribuem para a veiculação do *perfect* existencial.

⁴ Mais especificamente, o predicativo do sujeito que permite a veiculação de *perfect* existencial na sentença é aquele formado por um adjetivo que contém forma de particípio do verbo. De acordo com Rebouças (2021), o adjetivo com a forma participial do verbo destaca a fronteira do intervalo de *perfect* que se encontra no passado enquanto o verbo, que está conjugado no presente, destaca a fronteira que se encontra neste tempo.

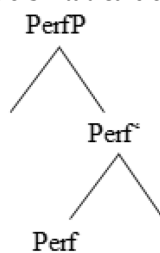
Nespoli e Martins (2018) sustentam ainda que, na expressão de *perfect*, pode haver o apagamento fonético do advérbio/expressão adverbial associado ao PU ou ao PE em casos em que a morfologia empregada e/ou o contexto da sentença seja suficientemente informativo na veiculação da informação de um intervalo de tempo entre o momento da situação e o momento de referência.

Para Cinque (1999), alguns advérbios podem ocupar a posição de especificador de projeções funcionais. Logo, a existência de uma classe específica de advérbios pode servir como uma evidência para a proposição de um sintagma funcional na árvore sintática. Uma vez que há advérbios que estão a serviço da veiculação dos diferentes tipos de *perfect* nas línguas, parece plausível discutir a possibilidade de existência de nódulos funcionais relacionados a esse aspecto que abarquem tais advérbios na representação da camada flexional (Nespoli, 2018; Rodrigues; Martins, 2019), como será descrito na próxima seção.

2.2 A representação sintática do aspecto *perfect*

Ao analisar dados do inglês, língua em que os dois tipos de *perfect* podem ser realizados pela mesma forma verbal, autores como Alexiadou, Rathert e Von Stechow (2003) e Iatridou, Anagnostopoulou e Izvorski (2003) propuseram que haveria um sintagma único para o *perfect* na representação sintática, o PerfP. Esse abarcaria o conhecimento referente aos tipos universal e existencial, como ilustrado na figura 1 a seguir.

Figura 1 — Representação sintática do aspecto *perfect* com PerfP.

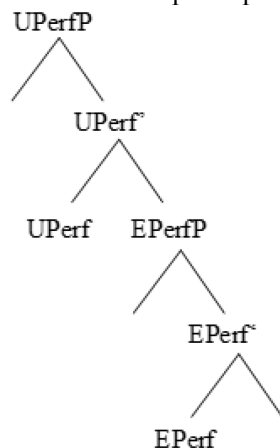


Fonte: adaptado de Alexiadou, Rathert e Von Stechow (2003, p. 7) e Iatridou, Anagnostopoulou e Izvorski (2003, p. 186).

Nespoli e Martins (2018), ao analisar dados do português e do italiano, considerando as diferentes realizações morfológicas e o uso de diferentes advérbios e expressões adverbiais na veiculação do *perfect* universal e do *perfect* existencial nessas duas línguas, argumentaram a favor de uma cisão do sintagma de *perfect* na árvore sintática. Postulou-se, portanto, que haveria um sintagma para o tipo universal, o UPerfP, e outro para o tipo existencial, o EPerfP.

Nespoli (2018), uma das autoras do trabalho citado no parágrafo anterior, ao realizar um estudo que compreendia mais línguas românicas, reiterou a necessidade de dissociação dos sintagmas de *perfect* e propôs uma hierarquia entre eles, afirmando que o UPerfP dominaria o EPerfP, como ilustrado na figura 2 a seguir.

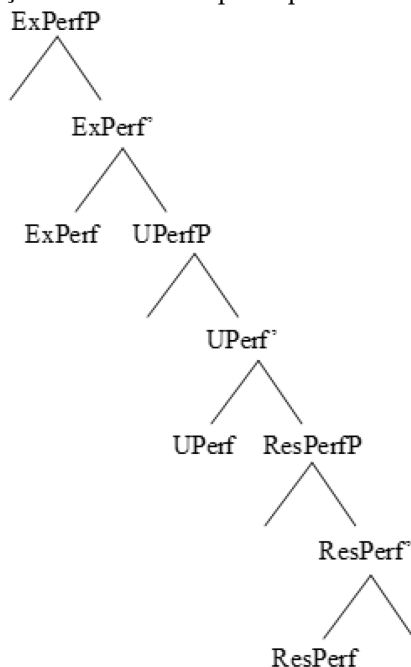
Figura 2 — Representação sintática do aspecto perfect com UPerfP e EPerfP.



Fonte: Nespoli (2018, p. 153).

Rodrigues e Martins (2019), ao analisar dados de uma criança adquirindo português como L1, reforçou a necessidade de cisão entre os sintagmas de *perfect*, incluindo, além dos citados por Nespoli e Martins (2018) e Nespoli (2018), um sintagma para o tipo experiencial, o ExPerfP. Esse dominaria UPerfP e ResPerfP⁵, referente ao tipo resultativo, como ilustrado na figura 3 a seguir.

⁵ Rodrigues e Martins (2019) nomeiam tal sintagma como RePerfP. Porém, a fim de manter um paralelismo com a proposta de Gomes, Martins e Rodrigues (2021), apresentada na figura 4, em que tal sintagma é referenciado como ResPerfP, optamos por utilizar o segundo termo também na figura 3.

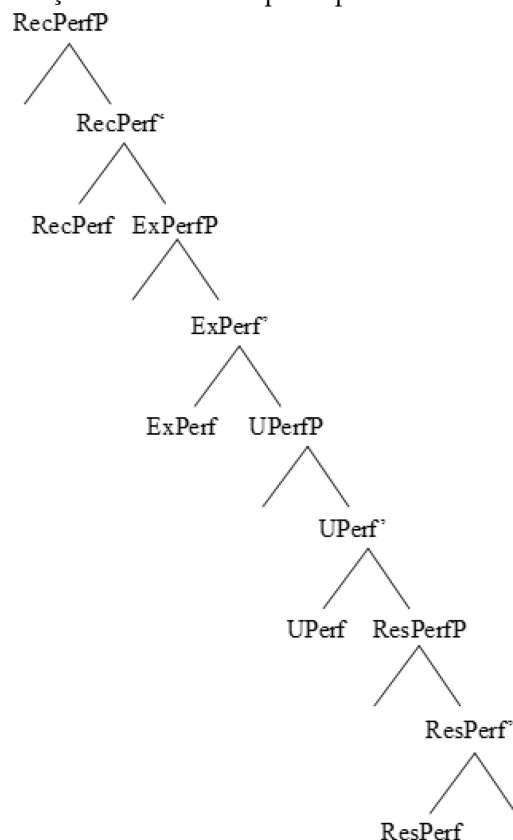
Figura 3 – Representação sintática do aspecto *perfect* com ExPerfP, UPerfP e ResPerfP.

Fonte: adaptado de Rodrigues e Martins (2019, p. 180).

Gomes, Martins e Rodrigues (2021), a partir de dados de perda linguística de pacientes diagnosticados com Doença de Alzheimer e Afasia Progressiva Primária Logopênica por meio de uma metodologia experimental, sugeriram a inclusão, na representação sintática da sentença, de um sintagma que abarcasse o conhecimento de *perfect* de passado recente, o RecPerfP, uma vez que foi observado que esse tipo poderia ser comprometido sem que os demais o estivessem, evidenciando uma dissociação do *perfect* de passado recente em relação aos demais na gramática mental dos pacientes envolvidos no estudo. Logo, propuseram que esse sintagma dominaria os demais descritos por Rodrigues e Martins (2019), como ilustrado na figura 4 a seguir.

Vale destacar que Gomes, Martins e Rodrigues (2021) não avaliaram como tal déficit era observado na produção linguística dos pacientes. A análise feita nesse estudo centrou-se em dados provenientes da aplicação de metodologias experimentais, como tarefas linguísticas de preenchimento de lacunas e de julgamento de gramaticalidade.

Figura 4 – Representação sintática do aspecto perfect com RecPerfP, ExPerfP, UPerfP e ResPerfP.



Fonte: adaptado de Gomes, Martins e Rodrigues (2021, p. 18).

Levando em consideração as distintas propostas de representação sintática do aspecto *perfect* já postuladas na literatura, buscamos, neste trabalho, investigar a pertinência da proposição dos sintagmas relacionados a esse aspecto e a hierarquia estabelecida entre eles por meio de dados de produção linguística semiespontânea de pacientes com duas demências progressivas: aqueles diagnosticados com Doença de Alzheimer e aqueles diagnosticados com Afasia Progressiva Primária Logopênica.

3 Doença de Alzheimer e Afasia Progressiva Primária Logopênica

A DA é uma doença que provoca um déficit progressivo e irreversível nas funções cognitivas, provocando também alterações comportamentais no paciente. Caracteriza-se principalmente por um déficit que atinge a memória declarativa, causando também desorientações espaciais e temporais, dificuldades na compreensão

das situações que ocorrem ao redor do paciente e alterações no discurso linguístico (Alzheimer, 1907).

No que tange especificamente à linguagem, autores como Huff (1988) e Mansur *et al.* (2005) destacam que podem ser acometidas capacidades tanto de produção quanto de compreensão, afetando diversos níveis linguísticos, como o fonológico, o lexical, o sintático e o pragmático-discursivo.

Dentre os acometimentos linguísticos de natureza sintática, podemos destacar que pacientes diagnosticados com DA podem apresentar alterações também no que diz respeito às categorias de tempo e aspecto. Tal afirmação encontra embasamento teórico em análises realizadas tanto sobre a fala espontânea desses sujeitos quanto sobre dados obtidos por meio de metodologia experimental (Altmann; Andersen; Kempler, 1993; Martins, 2010; Lessa, 2010; Fyndanis *et al.*, 2012; Nespoli, 2013; Novaes; Martins, 2014; Gomes; Martins; Rodrigues, 2021).

A APPL, por sua vez, caracteriza-se como uma patologia que afeta exclusivamente a linguagem, caracterizada por um déficit severo na recuperação lexical, na repetição de elocuições, além da ocorrência de erros fonológicos (Serra-Mestres, 2017)⁶. Mesulam (2001) destaca um conjunto de critérios que devem ser elencados ao diagnosticar um paciente com APPL. Dentre eles, o paciente deve apresentar dificuldade de evocação lexical no discurso espontâneo e nomeação e/ou dificuldade na repetição de palavras e frases, acompanhado(s) de três das quatro características a seguir: erros fonológicos (parafasias fonêmicas no discurso espontâneo e nomeação), compreensão da palavra e reconhecimento do objeto preservados, praxia de fala preservada, ausência de franco agramatismo.

⁶ Observa-se na literatura uma divergência quanto à associação da DA e da APPL como variantes de uma mesma patologia. Por um lado, autores como Jorm (1985) e Baeza, Bustos e Ovando (2012) destacam que é possível que a DA e a APPL sejam variantes da Doença de Alzheimer. Por outro lado, autores como Rohrer, Rossor e Warren (2012) e Rogalski *et al.* (2016) descrevem a APPL como uma demência fronto-temporal, caracterizada por conjunto de distúrbios que resulta na degeneração dos lobos frontal e/ou temporal, que se difere consensualmente do que é a DA.

Autores como Weintraub *et al.* (2009), Thompson *et al.* (2012) e Caixeta *et al.* (2014) destacam que pacientes com APPL podem apresentar alterações linguísticas de natureza sintática. Dentre essas, as categorias de tempo e aspecto podem também ser prejudicadas (Gomes; Martins; Rodrigues, 2021).

Assim, a fim de investigar a representação sintática do aspecto *perfect* a partir de uma possível deterioração linguística desse aspecto em pacientes diagnosticados com DA e APPL, tomamos como base a Teoria da Poda da Árvore, proposta por Friedmann e Grodzinsky (1997). Essa teoria foi formulada com o objetivo de explicar o comprometimento no conhecimento de determinadas categorias linguísticas sintaticamente representadas a partir da fala agramática. De acordo com tal modelo, o sujeito afásico não consegue acessar os nódulos mais altos da árvore sintática, de modo que o comprometimento linguístico com determinadas categorias indica que essas encontram-se dissociadas de outras e são representadas sintaticamente por sintagmas mais acima na representação estrutural. Assim, quando o conhecimento referente a um determinado sintagma funcional está prejudicado, entende-se que a árvore tenha sido podada desse ponto para cima na gramática mental desse sujeito. Tal teoria, ainda que formulada com o objetivo de explicar a gramática de sujeitos afásicos, mostra também sua eficiência em casos de comprometimento linguístico decorrente de outras patologias, como a Doença de Alzheimer e a Afasia Progressiva Primária Logopênica (Martins, 2010; Gomes; Martins; Rodrigues, 2021).

4 Metodologia

Esta pesquisa foi avaliada e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Estudos em Saúde Coletiva (IESC) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) sob a numeração 15566119.0.0000.5286. Antes de participar de qualquer etapa da pesquisa, o pesquisador e os participantes ou seus responsáveis legais assinavam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Optou-se por empregar a metodologia de estudo de caso, uma vez que parece mostrar-se mais adequada para a investigação dos déficits linguísticos quando se busca contribuir para o entendimento da dissociação de determinados conhecimentos linguísticos na gramática mental (Novaes, 2004; Nespoli; Novaes 2016; Gomes; Martins; Rodrigues, 2022). Foram selecionados, então, dois sujeitos diagnosticados como portadores da DA e um sujeito diagnosticado como portador da APPL.

O primeiro paciente diagnosticado com DA, referenciado ao longo deste artigo como paciente IL, era do sexo feminino, possuía 86 anos de idade e cerca de quatro anos de escolaridade, correspondente ao ensino fundamental incompleto, tendo recebido o diagnóstico da doença cerca de três anos antes de participar do estudo. O segundo paciente com DA, referenciado como paciente AF, era do sexo masculino, possuía 86 anos de idade e cerca de quatro anos de escolaridade, correspondente ao ensino fundamental incompleto, tendo recebido seu diagnóstico cerca de cinco anos antes de participar do estudo. O paciente com APPL era do sexo feminino, possuía 62 anos de idade e mais de 16 anos de escolaridade, correspondente ao ensino superior completo, tendo recebido o diagnóstico cerca de três anos antes de participar do estudo.

Para a análise do estado cognitivo dos participantes da pesquisa, os pacientes foram submetidos a um teste de rastreio cognitivo. Já para análise de sua expressão linguística, foram coletados dados de sua produção durante toda a sessão com o pesquisador, que incluía a aplicação do teste de rastreio cognitivo e a condução de uma entrevista.

O teste de rastreio cognitivo aplicado foi a versão brasileira do Mini-Exame do Estado Mental (MEEM), desenvolvida por Caramelli e Nitrini (2000), que tem por objetivo avaliar o estado cognitivo geral dos sujeitos. Esse teste, comumente utilizado na prática médica e em investigações neurolinguísticas, permite a avaliação das funções cognitivas do paciente e colabora no entendimento de quadros demenciais (Lourenço; Veras, 2006). Cada uma das categorias avaliadas nele (orientação temporal,

orientação espacial, memória imediata, atenção, cálculo, evocação e linguagem) é examinada por comandos e questões que valem um ponto cada e que, somados, podem chegar ao valor de 30 pontos.

Para a avaliação dos resultados obtidos por meio da aplicação do MEEM, adotamos a proposta de Brucki *et al.* (2003). Assim, assumiu-se que as notas de corte são de 16,67 pontos para analfabetos, de 21,8 para sujeitos com um a quatro anos de escolaridade, de 23,8 para aqueles com cinco a oito anos de escolaridade, de 25,93 para aqueles com 9 a 11 anos de escolaridade e de 26,26 para indivíduos com escolaridade superior a 11 anos.

Na coleta de dados de fala semiespontânea dos pacientes, estavam presentes apenas o pesquisador principal e o paciente. Toda a produção oral dos participantes ao longo da sessão, consistida na aplicação do MEEM e na realização da entrevista, foi gravada em áudio, sendo posteriormente transcrita, a fim de se obter o máximo de realizações do aspecto investigado pelos sujeitos a serem incluídas na análise. Dessa forma, as produções orais das interações semiespontâneas foram transformadas em sentenças a fim de que fossem analisadas.

Na entrevista, que possibilitou a obtenção de parte dos dados de fala dos pacientes, a fim de eliciar a produção do *perfect*, primeiramente, os participantes recebiam comandos gerais nos quais era solicitado que discorressem sobre histórias passadas, experiências, fatos recentes, hábitos passados que ainda possuíam etc. Objetivava-se, nessa etapa da entrevista, que os participantes produzissem estruturas sem interferência da produção do pesquisador e, por isso, as perguntas não continham morfologias veiculadoras do *perfect* no PB, por exemplo “Conte para mim sua experiência mais marcante”.

Ainda assim, era possível que os participantes não realizassem essa noção aspectual em sua produção, visto que os comandos não garantiam que as respostas fornecidas seguissem o padrão esperado. Por isso, em um segundo momento da entrevista, os participantes respondiam a questões formuladas com a presença de

morfologias veiculadoras do *perfect*, como “O que você tem feito ultimamente?”, “Desde o ano passado até agora o que tem mudado na sua rotina?” e “Qual foi a coisa mais inusitada ou divertida que você já fez na vida?”. Vale destacar que, ainda que os participantes tivessem que responder a essas questões, era possível também discorrer sobre outro assunto que desejassem.

As sessões com os pacientes diagnosticados com DA foram realizadas em suas residências, ao passo que, com o paciente diagnosticado com APPL, no Instituto de Neurologia Deolindo Couto (INDC) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), localizado na Praia Vermelha, na cidade do Rio de Janeiro.

Após transcritas as gravações das sessões de coleta de dados de fala dos participantes, na análise de fala semiespontânea, buscou-se verificar as realizações de *perfect* cuja morfologia necessariamente veicula esse aspecto no PB, como o passado composto, ou cuja morfologia empregada estivesse associada a um advérbio ou expressão adverbial (foneticamente realizado ou não) veiculador de *perfect*, como o presente simples associado ao advérbio “ainda”. Destaca-se ainda que foram consideradas também as produções de *perfect* em que o paciente utilizou, em sua resposta, o mesmo advérbio/expressão adverbial e/ou morfologia verbal empregados pelo pesquisador em contexto imediatamente anterior do diálogo. Além disso, em alguns casos, levam-se também em consideração aspectos da interação não-verbal estabelecida entre o paciente e o pesquisador principal durante a sessão.

5 Resultados

Ao longo desta seção, apresentamos as ocorrências de realização linguística do aspecto *perfect* dos pacientes. Destacamos que, ao longo da exposição dos dados de fala semiespontânea, “E” refere-se à fala do entrevistador e “P”, à fala dos pacientes.

5.1 Paciente IL diagnosticado com Doença de Alzheimer

O paciente IL, diagnosticado com DA, no MEEM, obteve 17 pontos, nota indicativa de presença de comprometimento cognitivo (Brucki *et al.*, 2003). Com relação aos dados de produção semiespontânea, foram encontradas 18 ocorrências de realização do aspecto *perfect*. Dessas, uma era de *perfect* universal / situação persistente, realizada por meio do advérbio “ainda” combinado com o verbo contendo a morfologia de presente simples, como ilustrado em (17). Não foram usadas outras formas verbais ou advérbios para realização de tal noção aspectual.

- (17) E: Débora fazia natação quando era criança?
P: **Ainda faz** né?

Grande parte das ocorrências de realização do *perfect*, mais especificamente 13 delas, veiculavam *perfect* existencial / resultativo. Nessas, foi usado o advérbio “já” combinado ora com o verbo conjugado no pretérito perfeito, como em (18), ora com “estar” conjugado no presente simples acompanhado de um predicativo do sujeito, como em (19).

- (18) O rosto tá liso. **Já fez** a barba.
(19) O suco **já tá pronto**.

Foram encontradas também quatro ocorrências de *perfect* existencial / experiencial, realizadas por meio do advérbio “já” combinado com o verbo com a morfologia de pretérito perfeito, como no exemplo em (20), e do advérbio “nunca” também combinado com o verbo com a morfologia de pretérito perfeito, como no exemplo em (21).

- (20) E: É só fazer esse desenho aqui.
P: Eu **já fiz** esse teste⁷.
- (21) E: E 37 - 7?
P: Ai... eu **nunca consegui** uma...
E: Tenta um pouquinho. 37 - 7.
P: Fica 30.

Vale destacar que não foram encontradas ocorrências de *perfect* existencial / passado recente, mesmo quando eliciado em contextos específicos da entrevista.

5.2. Paciente AF diagnosticado com Doença de Alzheimer

O paciente AF, diagnosticado com DA, no MEEM, obteve 14 pontos, nota indicativa de presença de comprometimento cognitivo (Brucki *et al.*, 2003). É relevante notar que seu desempenho nesse teste é inferior ao do paciente IL, descrito anteriormente, indicando que seu estado de deterioração cognitiva encontra-se mais avançado.

Com relação aos dados de produção semiespontânea, foram encontradas apenas três ocorrências do aspecto *perfect*. Dessas, duas ocorrências eram de *perfect* universal / situação persistente, sendo uma delas realizada por meio da expressão adverbial “até x tempo” combinada com uma perífrase progressiva, como em (22), e a outra por meio da expressão “essa semana” combinada com uma perífrase progressiva, como em (23).

(22) E: Desde que o senhor acordou até agora, o senhor ficou fazendo o quê?

P: **Até agora eu tô dando** um tempo para ir dormir.

⁷ No que diz respeito às ocorrências de “já” + pretérito perfeito, ressalta-se que, como revisado na seção 2 deste artigo, segundo Comrie (1976), a diferenciação entre *perfect* resultativo e *perfect* experiencial está alicerçada em questões de natureza semântica, de modo que a classificação dos exemplos em (18), de um lado, como *perfect* resultativo e em (20), por outro lado, como *perfect* experiencial foi feita com base na análise semântica e pragmática das sentenças. Os critérios sintáticos de diferenciação entre esses dois tipos de *perfect* no PB em ocorrências de “já” + pretérito perfeito configuram-se ainda como tema de investigação (Gomes; Martins; Rodrigues, 2022).

- (23) E: Desde o início da semana até agora o que o senhor vem fazendo?
P: **Essa semana não tô fazendo nada.**

Chamamos a atenção para o fato de que o participante, além de não ter usado as outras morfologias e advérbios / expressões adverbiais disponíveis para veiculação desse aspecto no PB, não respondia às questões do entrevistador formuladas a partir do uso da morfologia de passado composto, aquela que veicula necessariamente essa noção aspectual na língua.

Foi encontrada também uma ocorrência de *perfect* existencial / resultativo, realizada por meio do pretérito perfeito, como ilustrado no exemplo em (24). Ainda que não haja um advérbio que garanta a leitura de *perfect*, interpretamos que tal dado pode ser entendido como veiculador dessa noção aspectual, visto que, durante a aplicação, o paciente, ao dizer a sentença presente em (24), estende suas mãos ao pesquisador mostrando a folha dobrada, indicando, assim, por meio do contexto, o resultado do evento.

- (24) E: O senhor consegue dobrar essa folha no meio?
P: Consigo... **Dobrei.**

Vale destacar que não foram encontradas ocorrências de realização linguística do *perfect* existencial / experiencial e do *perfect* existencial / passado recente mesmo quando esses eram eliciados em contextos específicos da entrevista.

5.3. Paciente diagnosticado com Afasia Progressiva Primária Logopênica

O paciente diagnosticado com APPL, no MEEM, obteve 20 pontos, nota indicativa de presença de comprometimento cognitivo (Brucki *et al.*, 2003). Como se pode ver, seu resultado é superior ao dos pacientes com DA, descritos anteriormente, ainda que este paciente, diferentemente dos demais, tenha mais alta escolaridade.

No que diz respeito à produção semiespontânea, foram encontradas 14 ocorrências de realização do aspecto *perfect*, dentre as quais dez eram de *perfect* universal / situação persistente. Nesses dados, foi possível observar que o paciente utilizou as três morfologias disponíveis para veiculação desse aspecto no PB, a saber: passado composto, como em (25), perífrase progressiva, como em (26), e presente simples, como em (27).

(25) Eu gosto de ir à praia. Não **tenho ido**.

(26) **De um tempo pra cá** que eu não **tô conseguindo** falar.

(27) **Desde cedo** eu **vejo** isso.

Com relação aos advérbios e expressões adverbiais, foram encontradas ocorrências de “de x tempo pra cá” combinado com uma perífrase progressiva, como ilustrado no exemplo em (26), apresentado anteriormente; “desde x tempo” combinado com o verbo com a morfologia de presente simples, como em (27), também apresentado anteriormente; “ainda” combinado com a morfologia de presente simples, como em (28), e com perífrase progressiva, como em (29); e “há x tempo” combinado com o verbo com a morfologia de presente simples, como em (30).

(28) E: Quais hábitos do passado você ainda tem?

P: Que eu **ainda tenho**?

(29) O troço tá aqui, eu tô vendo aqui e **tô entendendo ainda**.

(30) Eu **trabalho há muitos anos**.

Foram encontradas também duas ocorrências de *perfect* existencial / resultativo, realizadas por meio do advérbio “já” combinado com o verbo com a morfologia de pretérito perfeito, como podemos observar em (31); e duas ocorrências de *perfect* existencial / experiencial, realizadas também por meio do advérbio “já” combinado com a morfologia de pretérito perfeito, como ilustrado em (32).

(31) Bom, aqui ele **já limpou**.

(32) Eu **já fui** muito rápida. Hoje em dia não...

No entanto, não foi encontrada nenhuma ocorrência de *perfect* existencial / passado recente, mesmo quando esse era eliciado nos contextos específicos da entrevista.

6 Discussão

Apresentamos ao longo desta seção uma análise comparativa dos dados dos pacientes. Primeiramente, analisamos os dados do paciente IL com DA em conjunto com os do paciente com APPL e, em sequência, os do paciente AF também com DA, apontando a contribuição desses dados para a teoria linguística. Ao fim, apresentamos considerações mais gerais sobre os resultados obtidos neste estudo.

O paciente IL com DA realizou linguisticamente os valores aspectuais de *perfect* universal / situação persistente, *perfect* existencial / resultativo e *perfect* existencial / experiencial. Parece plausível, dessa maneira, interpretar que essas noções permanecem preservadas em seu conhecimento linguístico. Por outro lado, não há evidências de realização linguística do *perfect* existencial / passado recente, mesmo quando esse era eliciado na entrevista. Nessa direção, podemos levantar a hipótese de que tal traço linguístico possa encontrar-se deteriorado em sua gramática mental.

O paciente com APPL também realizou linguisticamente os tipos *perfect* universal / situação persistente, *perfect* existencial / resultativo e *perfect* existencial / experiencial. Dessa forma, entendemos aqui também que tais informações aspectuais parecem estar preservadas em seu conhecimento linguístico. Por outro lado, não houve realização de *perfect* existencial / passado recente, mesmo quando esse era eliciado, o que nos permite levantar a hipótese de que, também nesse paciente, tal valor aspectual encontra-se deteriorado.

Uma vez que tal tipo de *perfect* esteja comprometido sem que os demais tipos tenham sido afetados nos dados de ambos os pacientes, é adequado supor que o *perfect*

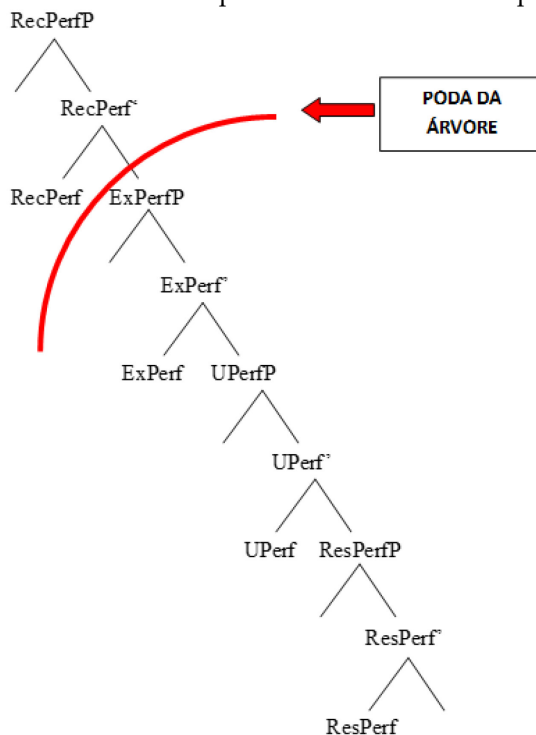
de passado recente esteja dissociado dos demais no conhecimento linguístico dos falantes. Tal proposta já foi descrita em Gomes, Martins e Rodrigues (2021), que, ao investigarem a representação sintática de *perfect* por meio da análise de dados de pacientes com DA e APPL obtidos por meio de metodologia experimental, postularam a existência de um sintagma que abarcava o conhecimento de *perfect* de passado recente, o RecPerfP, que dominaria os demais sintagmas de *perfect*.

Levando em consideração que a proposta desses autores seja a mais recente e a que apresenta um maior número de sintagmas referentes aos diferentes tipos de *perfect* na representação sintática, buscamos discuti-la aqui à luz da aplicação da Teoria da Poda da Árvore (Friedmann; Grodzinsky, 1997) aos dados dos pacientes deste estudo.

Assim, no que diz respeito ao paciente IL com DA e ao paciente com APPL, uma vez que o problema linguístico possa estar restrito ao *perfect* existencial / passado recente, parece adequado postular que o sintagma que abarca tal conhecimento, RecPerfP, tenha sido podado, estando alocado em posições mais altas da árvore sintática. Assumindo que o conhecimento referente aos outros tipos está preservado na gramática desses pacientes, os sintagmas referentes aos outros tipos de *perfect* precisam, necessariamente, de acordo com a Teoria da Poda da Árvore, alocar-se em posições mais baixas no esquema arbóreo.

A figura 5, apresentada a seguir, ilustra como os dados do paciente IL com DA e do paciente com APPL parecem corroborar a necessidade de se postular a existência de um sintagma RecPerfP, bem como sua dominância em relação aos outros sintagmas de *perfect*, levando em consideração o modelo apresentado em Gomes, Martins e Rodrigues (2021).

Figura 5 — Poda da árvore no paciente IL com DA e no paciente com APPL.



Fonte: elaborado pelos autores.

Entendemos, portanto, que os dados obtidos por meio da produção semiespontânea desses pacientes podem contribuir para a discussão acerca da representação sintática do aspecto *perfect* e corroborar os achados do estudo experimental com pacientes com DA e APPL de Gomes, Martins e Rodrigues (2021). No entanto, tais dados não são suficientes para elaborar considerações sobre todos os quatro sintagmas de *perfect* postulados até então na literatura, posto que fornecem evidências apenas para corroborar uma proposta recente de inclusão de RecPerfP na árvore e de sua dominância sobre os demais sintagmas de *perfect*.

O paciente AF, por sua vez, realizou apenas os tipos *perfect* universal / situação persistente e *perfect* existencial / resultativo, não havendo realizações de *perfect* existencial / experiencial e *perfect* existencial / passado recente. No entanto, os dados desse paciente requerem maior atenção em nossa análise. Apresentamos aqui três possíveis interpretações para os dados obtidos por meio da coleta de dados de produção semiespontânea realizada com esse paciente.

A primeira delas diz respeito à possibilidade de que o conhecimento referente a *perfect* universal / situação persistente e *perfect* existencial / resultativo esteja preservado na gramática mental do paciente, uma vez que ele foi capaz de realizá-los linguisticamente. Nessa direção, podemos supor que *perfect* existencial / passado recente e *perfect* existencial / experiencial estejam comprometidos.

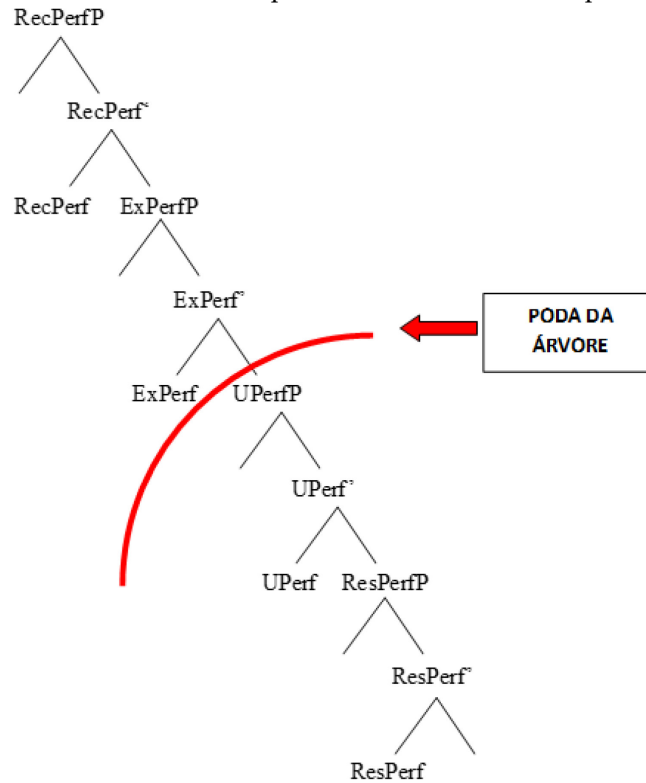
Assim, tomando como base a Teoria da Poda da Árvore, como tem sido feito em nossas análises, é possível argumentar que os sintagmas referentes a essas categorias, RecPerfP e ExPerfP, ocupam posições mais altas na representação sintática, estando podados na gramática do paciente.

Uma análise exclusiva dos dados desse paciente não seria capaz de fornecer evidências para a hierarquia entre RecPerfP e ExPerfP. Porém, ao conjugá-la com os dados do paciente IL com DA e do paciente com APPL, em que se observou que RecPerfP domina os demais sintagmas de *perfect*, parece plausível afirmar que RecPerfP domina ExPerfP. Esses, portanto, estariam alocados acima dos outros dois sintagmas de *perfect*, o UPerfP e o ResPerfP.

A aplicação de tal discussão ao modelo de hierarquia sintática proposto por Gomes, Martins e Rodrigues (2021) indicaria que, no paciente AF, a poda ocorreria em ExPerfP, como pode ser observado na figura 6 a seguir.

Ainda que tal interpretação dos dados não seja suficiente para fazer considerações sobre a hierarquia entre UPerfP e ResPerfP, localizados abaixo do ponto da poda da árvore na gramática do paciente, podemos defender que essa proposta corrobora o modelo descrito em Gomes, Martins e Rodrigues (2021) pelo menos no que concerne aos dois sintagmas alocados mais acima nessa hierarquia: RecPerfP e ExPerfP.

Figura 6 — Poda da árvore no paciente AF com DA: interpretação 1.



Fonte: elaborado pelo autores.

A segunda interpretação dos dados do paciente AF difere-se parcialmente da primeira, pois, nessa, pode-se defender que somente o conhecimento referente ao *perfect* existencial / resultativo estaria preservado na gramática mental do paciente, estando todos os outros tipos comprometidos. Tal proposta baseia-se no fato de que o participante apresentava dificuldades em responder questões formuladas a partir da morfologia de passado composto, o que poderia evidenciar um problema com *perfect* universal / situação persistente.

Ainda que esse tipo de *perfect* possa ser realizado por três morfologias diferentes no PB, vale destacar que somente o passado composto veicula necessariamente essa noção aspectual, de modo que um problema com o uso dessa morfologia pode evidenciar um comprometimento com *perfect* universal / situação persistente.

As perífrases progressivas, morfologia utilizada pelo paciente, podem expressar outros valores aspectuais sem necessariamente veicular o aspecto *perfect*, como imperfeito contínuo, que diz respeito à visualização de uma situação como em

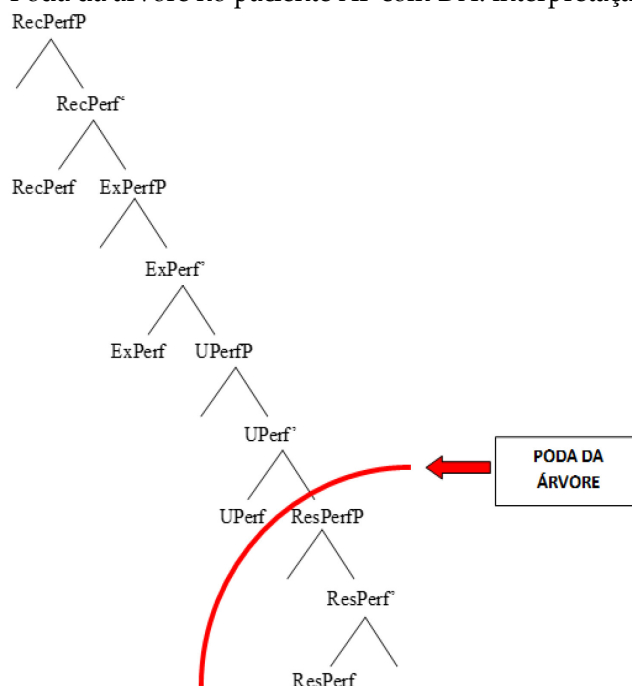
andamento, ilustrado no exemplo em (33), ou imperfectivo habitual, que diz respeito à visualização de uma situação como recorrente, ou seja, que dura um período estendido de tempo, por exemplo em (34) (Nunes, 2017). É possível, então, a interpretação de que o aspecto expresso nas sentenças com a morfologia progressiva produzidas pelo paciente e exibidas em (22) e (23) não necessariamente seja o de *perfect* universal / situação persistente.

(33) João está tomando banho.

(34) Marcela está conhecendo várias pessoas.

Se assumirmos que o *perfect* universal / situação persistente também está afetado na gramática do paciente, com base na Teoria da Poda da Árvore, podemos afirmar que o sintagma referente a esse tipo tenha sido também podado na estrutura sintática. A aplicação de tal interpretação ao modelo de hierarquia entre os sintagmas de *perfect* proposto por Gomes, Martins e Rodrigues (2021) pode ser observada na figura 7 a seguir.

Figura 7 — Poda da árvore no paciente AF com DA: interpretação 2.



Fonte: elaborado pelos autores.

A partir de tal interpretação, pode-se tecer a consideração de que ResPerfP é o sintagma mais baixo dentre os sintagmas de *perfect*, sendo dominado por todos os outros, uma vez que seja o único preservado na gramática do paciente. Tal proposta, além de enquadrar-se no modelo de Gomes, Martins e Rodrigues (2021) e de Rodrigues e Martins (2019), parece também fornecer evidências para a discussão proposta por Nespoli (2018), em que se afirma que o traço de resultatividade é o mais básico para veiculação de *perfect*, de modo que deve estar alocado no núcleo do sintagma de *perfect* mais baixo dentre os demais sintagmas de *perfect* e que deve ser positivamente valorado para licenciar todos os seus tipos.

Desse modo, por um lado, a interpretação 1 dos dados do paciente AF combinada aos dos outros pacientes parece fornecer evidências para o entendimento acerca da posição de RecPerfP e ExPerfP, mas não UPerfP e ResPerfP, e, por outro, a interpretação 2 combinada aos dados dos outros pacientes parece fornecer evidências para a discussão acerca da posição de RecPerfP e ResPerfP, mas não ExPerfP e UPerfP. Ainda assim, ambas as interpretações parecem ir ao encontro da proposta de Gomes, Martins e Rodrigues (2021).

A terceira interpretação, por sua vez, prevê que todos os tipos de *perfect* podem estar deteriorados na gramática mental do paciente AF com DA. A afirmação acerca do comprometimento que afeta os tipos experiencial e passado recente está relacionada à ausência de sua realização linguística na produção do paciente, como argumentado durante a apresentação da interpretação 1. Com relação ao déficit que atinge o tipo universal / situação persistente, toma-se como base a dificuldade que o paciente tem com a morfologia de passado composto, como discutido durante a apresentação da interpretação 2.

Logo, a interpretação 3 diz respeito à afirmação de que também o tipo resultativo estaria deteriorado na gramática do paciente. Tal proposta baseia-se no fato de que, ainda que tenhamos considerado o dado presente no exemplo em (24) como uma realização de *perfect* existencial / resultativo, é importante destacar que a

relevância da situação passada no presente não se dá, nessa ocorrência, por meio de um elemento linguístico que pudesse garantir que tal valor aspectual tenha sido veiculado na sentença, como, por exemplo, um advérbio.

Nessa direção, parece plausível levantar a hipótese de que não é possível garantir que o dado em (24) seja realmente uma realização de *perfect* existencial / resultativo. Assim, pode-se discutir que tal conhecimento esteja também comprometido na gramática mental do paciente.

Essa interpretação não nos permite fazer considerações sobre a hierarquia entre os sintagmas de *perfect*, uma vez que todos esses estariam deteriorados, tendo sido podados da árvore sintática. Tal proposta combinada à análise de dados do paciente IL com DA e do paciente com APPL permite-nos apenas postular a dominância de RecPerfP frente aos demais sintagmas de *perfect*, levando em consideração que esse também se encontra deteriorado no paciente AF.

Ainda que o estudo descrito neste manuscrito tenha tomado como base apenas dados de fala semiespontânea, ressalta-se que os resultados obtidos aqui enquadram-se nos mesmos padrões observados por Gomes, Martins e Rodrigues (2021) obtidos por meio de metodologia experimental. Sendo assim, a associação de tais resultados acerca do déficit linguístico em pacientes com DA e APPL contribui para o entendimento da representação sintática do aspecto *perfect* na faculdade da linguagem.

Ainda que se tenha empreendido ao longo deste estudo a metodologia de caso, é importante fazer considerações comparativas entre os resultados dos pacientes. Tais observações nos permitem traçar um panorama mais amplo sobre o déficit linguístico de natureza aspectual presente em pacientes diagnosticados com a DA e a APPL.

O primeiro ponto de destaque diz respeito ao fato de que é possível que todos os pacientes participantes deste estudo apresentem um comprometimento que afeta o aspecto *perfect*, seja mais restrito, como discutido para o paciente com IL com DA e o paciente com APPL, em que somente o *perfect* de passado recente parece encontrar-se

deteriorado, ou mais abrangente, como no caso do paciente AF com DA, em que outro(s) tipo(s) também parece(m) estar afetado(s).

Além disso, é importante salientar que o paciente AF, diagnosticado com DA, que apresentou um déficit linguístico mais abrangente, foi aquele diagnosticado com a patologia há mais tempo e que apresentou menor pontuação no teste de rastreio cognitivo, enquanto que os pacientes diagnosticados há menos tempo e com melhor desempenho no teste de rastreio cognitivo apresentaram um déficit linguístico restrito ao *perfect* de passado recente. Logo, faz-se necessário investigar ainda como o avanço no comprometimento cognitivo geral advindo das patologias em questão (DA e APPL) podem incidir de forma específica na deterioração linguística do paciente.

Este estudo não se caracteriza como uma investigação de natureza longitudinal, logo, não é possível fazer considerações acerca da ordem de comprometimento linguístico das categorias aspectuais em pacientes com DA e APPL. Porém, uma vez que pacientes com menor déficit cognitivo de acordo com o desempenho no MEEM parecem apresentar um comprometimento linguístico que afeta apenas o *perfect* de passado recente e que o paciente com maior comprometimento cognitivo no MEEM parece apresentar um comprometimento que afeta outros tipos de *perfect*, levanta-se a hipótese de que, em termos de ordem de comprometimento linguístico, o *perfect* de passado recente pode ser mais precocemente deteriorado, enquanto que os outros tipos são afetados posteriormente. Para a verificação de tal hipótese, faz-se necessário o desenvolvimento de uma pesquisa com maior número de pacientes que sejam acompanhados longitudinalmente por meio da aplicação contínua de testes neuropsicológicos, experimentos linguísticos e análise de fala espontânea.

Ademais, é importante discutir que o melhor desempenho do paciente com APPL, quando comparado ao dos pacientes com DA, na realização de alguns tipos de *perfect* pode ser decorrente também da natureza da sua patologia, uma vez que, na APPL, o déficit afeta primordialmente o módulo linguístico, estando preservados outros módulos cognitivos. Na DA, por outro lado, outros módulos, como o dos

conceitos, são igualmente afetados. Tal informação é relevante para a discussão acerca do comprometimento de categorias aspectuais, pois essas são conceitualmente motivadas, ou seja, possuem também uma contraparte no módulo dos conceitos. Assim, o pior desempenho na realização linguística do *perfect* dos pacientes com DA pode ser também decorrente de um comprometimento em outros módulos.

Outro fator que pode haver interferido no desempenho dos pacientes pode ser a escolaridade. Como se pode verificar, o paciente com APPL apresenta um inventário mais rico em formas verbais na realização do *perfect* universal / situação persistente do que os demais pacientes com DA. Tal fato pode ser decorrente de seu grau de escolaridade, que é superior ao dos pacientes com DA. Jesus *et al.* (2017), por exemplo, destacam que as ocorrências da morfologia de passado composto, usada apenas pelo paciente com DA, concentram-se em sua maioria na modalidade escrita e, portanto, pode ser mais produtiva na modalidade oral de pessoas mais escolarizadas. Além da escolaridade, outros fatores podem influenciar na diferença de desempenho dos pacientes, tais como nível de atenção, uso de medicação, contexto da interação, história do sujeito, estados de conforto e desconforto, entre outros.

A relação entre tempo de diagnóstico da patologia, estado cognitivo geral e ampliação na deterioração linguística de categorias temporo-aspectuais já foi discutida em diversos trabalhos neurolinguísticos acerca do déficit presente na DA e na APPL (Lessa, 2010; Novaes; Martins, 2014; Gomes; Martins; Rodrigues, 2021). Acreditamos que a pesquisa que se empreende aqui colabora também com a discussão teórica que se aborda nesses estudos.

7 Considerações finais

Buscamos, neste trabalho, verificar a pertinência da proposição dos diferentes sintagmas de *perfect* e a hierarquia estabelecida entre eles já descrita na literatura. Para tanto, investigamos uma possível perda linguística desse aspecto em pacientes diagnosticados com DA e APPL.

Para tanto, foram selecionados três pacientes, dois diagnosticados com DA e um diagnosticado com APPL, que realizaram um teste de rastreio cognitivo e tiveram sua produção oral gravada, transcrita e analisada. Por meio de dados de produção semiespontânea, buscamos verificar se haveria um comprometimento seletivo dos tipos de *perfect* na gramática mental dos pacientes. Tomando como base a Teoria da Poda da Árvore (Friedmann; Grodzinsky, 1997), discutimos como os déficits seletivos poderiam fornecer evidências para o estudo da representação sintática desse aspecto.

Verificamos que tanto o paciente IL, diagnosticado com DA, quanto o paciente com APPL parecem apresentar um déficit que incide somente sobre *perfect* existencial / passado recente. Com relação ao paciente AF, diagnosticado com DA, foram levantadas três propostas de interpretação dos dados, em que poderiam estar afetados somente os tipos passado recente e experiencial, ou, além desses, também o universal / situação persistente, ou ainda todos os tipos. Discutimos que tais dados corroboram a proposição de um sintagma que abarca o conhecimento referente ao *perfect* existencial / passado recente, o RecPerfP, e sua dominância frente aos demais sintagmas de *perfect*, tal como proposto em Gomes, Martins e Rodrigues (2021).

Acreditamos que este trabalho apresenta duas grandes contribuições. Uma delas diz respeito à teoria linguística, uma vez que fornece evidências para o estudo da representação sintática do *perfect*; a outra diz respeito ao entendimento acerca da DA e da APPL, uma vez que fornece informações sobre o comprometimento linguístico do aspecto *perfect* nessas patologias, ainda que quaisquer generalizações nesse sentido só possam ser empreendidas mediante a condução de estudos de grupo com diferentes pacientes acometidos por essas doenças.

Torna-se necessário, portanto, ampliar a coleta de dados desta pesquisa. Estudos acerca da produção de outros pacientes diagnosticados com a DA, a APPL ou outras patologias que afetam a linguagem podem fornecer novas evidências acerca da hierarquia entre os sintagmas de *perfect*. Além disso, a realização de estudos com mais pacientes bem como o empreendimento de estudos longitudinais com repetidas

avaliações linguísticas dos mesmos pacientes podem possibilitar uma possível generalização acerca do comprometimento linguístico com o *perfect* de passado recente em pacientes com os quadros demenciais estudados nesta pesquisa e contribuir para confirmar a previsão de que esse tipo de *perfect* é aquele primeiramente comprometido dentre os demais tipos no acometimento linguístico nessas patologias.

Referências

ALEXIADOU, A.; RATHERT, M.; VON STECHOW, A. Introduction: the modules of perfect constructions. In: ALEXIADOU, A.; RATHERT, M.; VON STECHOW, A. (org.). **Perfect Explorations**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003. p. 5-38. DOI <https://doi.org/10.1515/9783110902358>

ALGEO, J. The Portuguese present perfect. **Luso-Brazilian Review**, v. 13, n. 2, p. 194-208, 1976. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3512954>. Acesso em: 1 ago. 2023.

ALTMANN, L.; ANDERSEN, E.; KEMPLER, H. **Re-evaluating syntactic preservation in Alzheimer's disease**. Poster presented at the 1993 meeting of the Academy of Aphasia, Tucson, Az, October, 1993. p. 1069-1082. DOI [https://doi.org/10.1044/1092-4388\(2001/085\)](https://doi.org/10.1044/1092-4388(2001/085))

ALZHEIMER, A. Übereineeig en artige Erkrankung der Hirnrinde. **Allg Zeitschr Psychiatr**, v. 64, p. 146-148, 1907.

AZEVEDO, T. **Realização morfológica dos traços de perfect no português do Maranhão**. 2014. 190 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

BAEZA, S.; BUSTOS, C.; OVANDO, P. Afasia logopénica: presentación de un caso y revisión de la literatura. **Revista Chilena de Neuropsiquiatría**, v. 50, n. 3, p. 166-173, 2012. DOI <https://doi.org/10.4067/S0717-92272012000300006>

BRUCKI, S.; NITRINI, R.; CARAMELLI, P.; BERTOLUCCI, P.; OKAMOTO, I. Sugestões para o uso do Mini-Exame do Estado Mental no Brasil. **Arquivos de Neuro-psiquiatria**, v. 61, n. 3, p. 777-781, 2003. DOI <https://doi.org/10.1590/S0004-282X2003000500014>

CAIXETA, L.; PINTO, P.; SOARES, V.; SOARES, C. Neuropsicologia das doenças neurodegenerativas mais comuns. In: CAIXETA, L.; TEIXEIRA, A. (org.). **Neuropsicologia geriátrica**. Porto Alegre: Artmed, 2014. p. 153-166.

CARAMELLI, P.; NITRINI, R. Como avaliar de forma breve e objetiva o estado mental de um paciente? **Revista de Associação Médica Brasileira**, v. 46, n. 4, p. 301-301, 2000. DOI <https://doi.org/10.1590/S0104-42302000000400018>

CINQUE, G. **Adverbs and functional heads: a cross-linguistic perspective**. New York: Oxford University Press, 1999. DOI <https://doi.org/10.1093/oso/9780195115260.001.0001>

COMRIE, B. **Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems**. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

COMRIE, B. **Tense**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. DOI <https://doi.org/10.1017/CBO9781139165815>

DAHL, Ö. **Tense and aspect systems**. Oxford: Blackwell, 1985.

FRIEDMANN, N.; GRODZINSKY, Y. Tense and agreement in agrammatic production: pruning the syntactic tree. **Brain and Language**, v. 56, n. 3, p. 397-425, 1997. DOI <https://doi.org/10.1006/brln.1997.1795>

FYNDANIS, V.; MANOUILIDOU, C.; KOUFOU, E.; KARAMPEKIOS, S.; TSAPAKIS, E. Agrammatic patterns in Alzheimer's disease: Evidence from tense, agreement, and aspect. **Aphasiology**, v. 27, n. 2, p. 178-200, 2012. DOI <https://doi.org/10.1080/02687038.2012.705814>

GIORGI, A.; PIANESI, F. **Tense and Aspect: from Semantics to Morphosyntax**. New York: Oxford University Press, 1997. DOI <https://doi.org/10.1093/oso/9780195091922.001.0001>

GOMES, J.; MARTINS, A.; RODRIGUES, F. Comprometimento linguístico de tempo e aspecto no envelhecimento saudável: considerações teóricas e metodológicas. **Revista da Abralin**, v. 21, n. 1, p. 1-21, 2022. DOI [10.25189/rabralin.v21i1.2063](https://doi.org/10.25189/rabralin.v21i1.2063)

GOMES, J.; MARTINS, A.; RODRIGUES, F. The linguistic impairment of the perfect aspect in Alzheimer's Disease and Logopenic Primary Progressive Aphasia. **Cadernos de Linguística**, v. 2, n. 4, p. 1-22, 2021. DOI <https://doi.org/10.25189/2675-4916.2021.v2.n4.id528>

GOMES, J.; SEMÊDO, J. Realizações do aspecto perfect universal na fala de indivíduos letrados cariocas, segundo a faixa etária. *In*: ORSINI, M. (org.). **Práticas de Pesquisa em Língua Portuguesa**. 1ed. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas / UFRJ, 2019. p. 137-164.

HUFF, F. The disorder of naming in Alzheimer's disease. *In*: LIGHT, L.; BURKE, D. (org.). **Language, memory and aging**. Cambridge University Press, 1988. p. 209-220. DOI <https://doi.org/10.1017/CBO9780511575020.013>

IATRIDOU, S.; ANAGNOSTOPOULOU; E., IZVORSKI, R. Observations about the form and meaning of the perfect. *In*: ALEXIADOU, A.; RATHERT, M.; VON STECHOW, A. (org.). **Perfect Explorations**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003. p. 153-205. DOI <https://doi.org/10.1515/9783110902358.153>

JESUS, J.; MATOS, A.; MARTINS, A.; NESPOLI, J. O aspecto perfect no português do Brasil. **Travessias Interativas**, v. 7, n. 14, p. 1 - 18, 2017.

JORM, A. Subtypes of Alzheimer's dementia a conceptual analysis and critical review. **Psychological Medicine**, v. 15, n. 3, p. 543-553, 1985. DOI <https://doi.org/10.1017/S003329170003141X>

LESSA, A. **Tempo em Alzheimer: linguagem, conceito e memória**. 2010. 126 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

LOURENÇO, R.; VERAS, R. Mini-Exame do Estado Mental: características psicométricas em idosos ambulatoriais. **Revista de Saúde Pública**, v. 40, n. 4, p. 712-719, 2006. DOI <https://doi.org/10.1590/S0034-89102006000500023>

MANSUR, L.; CARTHERY, M.; CARAMELLI, P.; NITRINI, R. Linguagem e cognição na Doença de Alzheimer. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 18, p. 300-307, 2005. DOI <https://doi.org/10.1590/S0102-79722005000300002>

MARTINS, A. **A desintegração de tempo na demência do tipo Alzheimer**. 2010. 240 f. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

MESULAM, M. Primary progressive aphasia. **Annals of Neurology**, v. 49, p. 425-432, 2001. DOI <https://doi.org/10.1002/ana.91>

MCCAWLEY, J. Notes on the English Present Perfect. **Australian Journal of Linguistics**, 1, 81-90, 1981. DOI <https://doi.org/10.1080/07268608108599267>

MITTWOCH, A. Aspects of English aspect: on the interaction of perfect, progressive, and durational phrases. **Linguistics and Philosophy**, v. 11, n. 2, p. 203-254, 1988. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/25001306>. Acesso em: 1 ago. 2023. DOI <https://doi.org/10.1007/BF00632461>

MOLSING, K. Universal and existential perfects in Brazilian Portuguese. **Revista Letras**, v. 73, p. 131-150, 2007. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/328064221.pdf>. Acesso em: 1 ago. 2023. DOI <https://doi.org/10.5380/rel.v73i0.7550>

NESPOLI, J. **Representação mental do perfect e suas realizações nas línguas românicas**: um estudo comparativo. 2018. 175 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

NESPOLI, J. **Tempo e aspecto na demência do tipo Alzheimer**: um estudo longitudinal. 2013. 178 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

NESPOLI, J.; MARTINS, A. A representação sintática do aspecto perfect: uma análise comparativa entre o português e o italiano. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v.60, n.1, p. 30 - 46, 2018. DOI <https://doi.org/10.20396/cel.v60i1.8649668>

NESPOLI, J.; NOVAES, C. Um estudo longitudinal de tempo e aspecto na demência do tipo Alzheimer. **Letras de Hoje**, v. 51, n. 3, p. 358-366, 2016. DOI <https://doi.org/10.15448/1984-7726.2016.3.25477>

NOVAES, C. Neuropsychology and linguistic aphasiology: Evidence in favor of case studies. **Brain and Cognition**, v. 55, n. 1, p. 362-364, 2004. DOI <https://doi.org/10.1016/j.bandc.2004.02.047>

NOVAES, C.; MARTINS, A. Déficits de linguagem e teoria linguística. *In*: HERMONT, A.; XAVIER, G. (org.). **Gerativa**: (inter)faces de uma teoria. 1ed. Florianópolis: Beconn, 2014. p. 167-179.

NOVAES, C.; NESPOLI, J. O traço aspectual de perfect e as suas realizações. **Revista FSA**, v. 11, n. 1, p. 255-279, 2014. Disponível em: <http://www4.unifsa.com.br/revista/index.php/fsa/article/view/356/0>. Acesso em: 1 de ago. 2023. DOI <https://doi.org/10.12819/2014.11.1.14>

NUNES, J. **Perífrases progressivas no presente no português do Brasil: uma análise aspectual**. 2017. 34 f. Monografia (Graduação em Letras: Português - Francês) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

PANCHEVA, R. The aspectual makeup of Perfect participles and the interpretations of the Perfect. In: ALEXIADOU, A.; RATHERT, M.; VON STECHOW, A. (org.). **Perfect Explorations**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003. p. 277-308. DOI <https://doi.org/10.1515/9783110902358.277>

REBOUÇAS, E. **A realização morfossintática do aspecto perfect por falantes bilíngues de espanhol e inglês de Porto Rico**. 2021. 274 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

RODRIGUES, N.; MARTINS, A. Evidências advindas da aquisição do português do Brasil para os tipos de *perfect*. **Revista Linguística**, v. 15, n. 3, p. 161-184, 2019. DOI <https://doi.org/10.31513/linguistica.2019.v15n3a28438>

ROGALSKI, E.; SRIDHAR, J.; RADER, B.; MARTERSTECK, A.; CHEN, K.; COBIA, D.; THOMPSON, C.; WEINTRAUB, S.; BIGIO, E.; MESULAM, M. Aphasic variant of Alzheimer disease: clinical, anatomic, and genetic features. **Neurology**, v. 87, p. 1337–1343, 2016. DOI <https://doi.org/10.1212/WNL.0000000000003165>

ROHRER J.; ROSSOR M.; WARREN J. Alzheimer's pathology in primary progressive aphasia. **Neurobiology of Aging**, v. 33, n. 4, p. 744-752, 2012. DOI <https://doi.org/10.1016/j.neurobiolaging.2010.05.020>

SERRA-MESTRES, J. Afasia progresiva primaria: aspectos clínicos y diagnósticos. **Informaciones psiquiátricas**, v. 228, p. 13-23, 2017. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6977813>. Acesso em: 1 de ago. 2023.

THOMPSON, C.; MELTZER-ASSCHER, A.; CHO, S.; LEE, J.; WIENEKE, C.; WEINTRAUB, S.; MESULAM, M. Syntactic and morphosyntactic processing in stroke-induced and primary progressive aphasia. **Behavioral neurology**, v. 26, n. 1, p. 35-54, 2012. DOI <https://doi.org/10.1155/2013/749412>

WEINTRAUB, S.; MESULAM, M. M.; WIENEKE, C.; RADEMAKER, A.; ROGALSKI, E.; THOMPSON, C. The Northwestern anagram test: Measuring sentence production in primary progressive aphasia. **American Journal of Alzheimer's Disease and Other Dementias**, v. 24, n. 1, p. 408-416, 2009. DOI <https://doi.org/10.1177/1533317509343104>